

VII

A GUERRA EUROPÉIA DE 1914/18 EM FACE DAS PROFECIAS

A guerra européia de 1914/18 marcando o advento do novo e grande Império Místico de Babilónia — O espesinhamento místico do novo reino de Judá pelo novo rei Nabucodonosor místico — O novo reino de Judá simbolicamente representado pelo Cristianismo não romano — As derrotas da Alemanha e da Rússie na guerra européia bíblicamente profetizadas — A misera Abissínia em face às profecias — O imperador Selassié, etc.

Vamos demonstrar no presente capítulo que a guerra mundial de 1914/1918, marca, bíblicamente, não só o aparecimento do novo e grande Império Babilônio Místico — o 2.º corno da derradeira manifestação da besta apocalíptica de 2 cérnos — mas também o advento de um novo caídeiro místico do "Reino de Judá" sob aquele império.

Com efeito: assim como o ano de 1798, correspondente bíblico-profético ao de 722 A.C. ($722 + 1.798 = 2.520$ anos ou "I semana profética"), marca, dentro de círculos astronómicos exatos, o advento do novo e místico rei Sargão II, da Assíria, (Napoleão Bonaparte), e a sua marcha sobre SAMARÍA ou sobre o simbólico reino de Israel, os anos de 1.914 e 1.915, respetivamente início da grande guerra mundial e data da entrada da Itália nesta, marcam o advento do novo e místico rei Nabucodonosor e sua marcha sobre Jerusalém.

Estas duas últimas datas estão, com efeito, exatamente a uma "semana profética" do cerco da capital judaica por aquele grande rei, e da redução do rei Joaquim e principais figuras do reino de Judá apostata à servidão babilônica. (606 A. C. + 1.914 = 2.520 anos; 605 A. C. + 1.915 = 2.520 anos).

Esta servidão, conforme fizemos, para os que a ela se sujeitaram, foi mais de órdem político-social do que espiritual e religiosa, pois ao povo, em parte trasladado para Babilônia com o rei Joaquim, foi permitida a livre prática de seu culto.

Por outro lado, o ano de 1922, em que, após grandes e numerosas agitações consequentes à guerra, se enfregava o povo italiano a uma verdadeira anarquia e, para dominá-las assume o grande Mussolini pessoalmente o poder (28.X.1922) corresponde, também exatamente, — I sema-

na profética por bitóla — ao ano de 598 A.C. em que Nabucodonosor volta a sitiá-lo definitivamente Jerusalém, para dominar a rebelião do povo que, havendo ali ficado, fôra buscar o auxílio do Egito contra Babilônia.

E — coisa notável — ao ano de 587 A.C. em que, finalmente, Nabucodonosor, por intermédio de "seu" general Nabusardan, dá cabo por inteiro do reino de Judá, destruindo Jerusalém e lançando fogo ao célebre templo, corresponde, exatamente, na mesma bitóla, o ano de 1933 em que (31 de janeiro) — novo ATILA — sóbe ao poder na Alemanha um como general ou êmulo... do grande Mussolini: o "FUEHRER" Adolf Hitler.

E aqui mais uma observação notável: tanto este quanto aquele assumiram o poder em suas respectivas pátrias por haverem elas ido buscar ao Egito (o comunismo) "ideologias e processos que as estavam levando para a ruína"...

Mas se o advento de Bonaparte, a sua luta contra o Papado e o Império Napoleônico correspondem, conforme vimos atrás, ao advento do rei Sargão II da Assíria, à destruição do reino de Israel e ao cativeiro do povo deste nas extensas planícies assírias, a que entidade mundial corresponderá, profeticamente, o novo reino de Judá, contra o qual misticamente invêste desde 1914/1915 a nova e grande Babilônia?

Vamos respondê-lo. Composto, como a sua prefigura bíblica, de duas tribus (Judá e Benjamin, esta a mais nova), parece-nos que o novo reino de Judá simbólico corresponde precisamente aos dois grupos de nações que, desde séculos, abraçaram as duas modalidades do cisma católico-romano, isto é: ao catolicismo ortodoxo (Ano Domini 1054), representado pelo decadente cristianismo russo — símbolo da tribo de Judá — e ao protestantismo luterano, (1517 A.D.), hoje também grandemente enfraquecido e representado pelo subserviente cristianismo da igreja alemã (tribu de Benjamin).

Como é do domínio de todos, tanto os chefes nacionais desses esfiolados ramos do Cristianismo (o "kaizer" e o "czar"), quanto os respetivos países, prepotentes, anti-democráticos e, portanto, cristãos e espiritualmente desviados, saíram estrondosamente esfacelados da guerra de 1914/1918.

Ora, representando esta guerra, segundo já acentuámos, a marcha triunfal do novo rei Nabucodonosor místico sobre a nova Jerusalém apóstata, sob este aspéto, essa Jerusalém não poderá deixar de ser, pois, senão

a Igreja Cristã dissidente!

Desta mesma opinião, aliás, são as altas esferas do Catolicismo Romano, que ainda recentemente, segundo lemos algures, a manifestaram por um dos seus mais autorizados representantes (16-A), afirmando que a derrota de 1918 foi uma derrota exclusiva do luteranismo.

Que essa derrota foi nítida e especialmente do luteranismo ou, melhor, que o novo cativeiro místico em Babilônia se exerce especialmente sobre

esse ramo do cristianismo ora paganizado, mostra-o a seguinte notícia ainda hoje chegada da Alemanha:

"O protestantismo tornou-se sob o reinado de Guilherme II, uma instituição de Estado, inteiramente submissa e é incapaz hoje de lutar com eficácia contra o empreendimento totalitário nazista. Só as grandes individualidades como o pastor NIEMOELLER, antigo comandante de submarinos durante a grande guerra, podem ainda resistir e provocar uma certa repercussão no seio da comunidade HA LONGOS ANOS ADORMECIDA". (17) (Folha da Manhã, de 8-5-1938).

Ao escrevermos o nome do pastor NIEMOELLER que neste instante se anuncia novamente preso por causa da sua atitude irredutível contra o NAZISMO, o nosso espírito instintivamente se volta para aqueles 3 fiéis servos de Deus, Sidrac, Misac e Abdenego, lançados por Nabucodonosor numa fornalha de fogo ardente, por não quererem adorar a estátua que esse rei mandou erguer no campo de Dura, em Babilônia (Daniel III).

E — coisa interessante — não só essa estátua corresponde profeticamente à que neste momento está levantando o novo Nabucodonosor na Europa — isto é ao novo Império Romano Místico ou BESTA de 2 CÓRNOS, o FASCISMO-NAZISMO INTERNACIONAL — mas também o próprio número simbólico de nome NIEMOELLER (I + M + L + L = 1101) corresponde ao do de fiel MISAC! (M + I + C = 1101).

Por outro lado, ao grupo de nações ortodoxas (Judá) espesinhadas pela nova Babilônia mística, poderemos bíblicamente associar a mísera Abissínia, cuja conquista pelo Nabucodonosor italiano está, dentre muitas maneiras, assim profetizada:

"E ele se fará senhor dos tesouros de ouro e prata do Egito e passará através da Líbia e da Etiópia" (Daniel XI: 43).

Sacrilegicamente vestida, na pessoa do seu chefe temporal e espiritual — o NEGUS — de uma denominação bíblica sómente atribuível a Jesus Cristo ("O LEÃO DE JUDA"), a qual, por isso mesmo, bem a determinava como nímia representante do reino apóstata de Judá foi, com efeito, a poética e multisecular Etiópia, a seu tempo, insquamente esfacelada pelo novo Nabucodonosor místico.

E ao recordarmos, neste momento, o simbólico nome ABYSSINIA, e os angustiosos 220 dias sofridos estóicamente por seus gloriosos negros, dignos êmulos do formidável Menelick, vêm-nos, instintivamente aos ouvidos as palavras do verso 7 do salmo XLII de David:

(17) Convém aqui acrescentar que logo após essa notícia nos chegava de Berlim (21.5.1938) a informação de que 18.000 "pastores evangélicos haviam feito público ato de submissão ao Führer".

"Abyssus abyssum invocat" (um abismo chama a outro abismo) e os do grande vale Isaías: {Isaías XX:3/5}.

"Assim como anda nô e descalço o meu servo Isaías, por sinal e prodígio de 3 anos sobre o Egito e sobre a ETIÓPIA, assim o rei da Assíria" [neste caso, a França que reconhecerá a conquista da Abissínia pela Itália], "levará em cativoíro os cativados da ETIÓPIA, assim moços como velhos nôs, descalços e descobertas as nádegas para vergonha dos Egípcios" (socialistas e democratas).

É que o desgraçado rei da miséria ETIÓPIA trazia sobre si e, consequentemente, sobre sua pátria, a fatídica marca 666! Com efeito:

LEO JUDÆ: REX HALIÉ SELASSIÉ = 666

$$(L = 50) + (JU = 4) + (D = 500) + (X = 10) + (LI = 51) + \\ + (L = 50) + (I = 1) = 666.$$